



FILMES
QUE AMO

— Lauro António

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI – SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 21 DE FEVEREIRO, DE 2022 - 21H00

MASTERCLASS: FILMES QUE EU AMO - (entrada livre)

O CIRCO

Título original: The Circus

Realização: Charles Chaplin (EUA, 1928)

1. A COMÉDIA

A expressão latina "ridendo castigat mores", também por vezes usada como "castigat ridendo mores" tem sido ao longo dos séculos uma das bases da comédia. "Rindo se corrigem os costumes" quer dizer que a sorrir se exerce uma crítica sobre a sociedade, que a vai ajudando a corrigir os seus defeitos. A comédia, a verdadeira comédia, foi sempre assim. Nos últimos tempos, e entrando já no campo de cinema, a comédia tem-se abastardado e muitas vezes não pretende mais do que fazer cócegas, isto é, provocar gargalhadas de forma inconsequente, usando e abusando da brejeirice alarve, da escatologia, de uma sexualidade primária, enfim de um conjunto de truques fáceis que despertam o riso mais rasteiro, sem porem em causa nada de especial. Este tipo de comédia nada me diz, a mim que, pelo contrário, adoro uma boa comédia, como aquela que os norte-americanos tão bem desenvolveram entre a época do mudo e o início do sonoro, com as obras notáveis de Charles Chaplin, Buster Keaton, Harold Lloyd e tantos outros até se chegar ao humor dos Irmãos Marx. Mas os norte-americanos não se ficaram por aí. As comédias de Ernest Lubitsch, Howard Hawks, LeoMcCary, George Cukor, Preston Sturges, Frank Capra, desde a "screwball comedy" à comédia romântica, abriram caminho a outros grandes autores em tempos mais recentes, como Billy Wilder, Vincente Minnelli, Blake Edwards, Woody Allen, Mel Brooks ou mesmo a alguns cineastas não caracterizadamente de comédia como Kubrick, Kramer, Altman, entre outros. Para mim, porém, o grande ator/autor da comédia norte-americana posterior à época clássica, é Jerry Lewis.

A comédia não vem só da América. Em Itália, tenho para mim que Totó é um dos mestres desta difícil arte que teve um período de ouro entre finais dos anos 50 e os anos 70, com a chamada comédia à italiana, com atores que, não sendo exclusivamente de comédia, eram admiráveis no género, como Alberto Sordi, Ugo Tognazzi, Vittorio Gassman ou Nino Manfredi, dirigidos por cineastas como Dino Risi, Mario Monicelli, Pietro Germi, Vittorio de Sica, Alberto Lattuada, Ettore Scola...

Em França, a minha preferência vai para o genial Jacques Tati, colocado acima de todos os outros, mas Pierre Etaix, Fernandel ou Louis de Funès merecem ser referidos. Há mesmo uma nova geração de realizadores com provas interessantes dadas no género.

Em Inglaterra, há muito por onde escolher, mas a fornada saída dos Estúdios Ealing com "O Quinteto era de Cordas" ou "Oito Vidas por um Título" batem todas as outras. Alec Guinness e Peter Sellers não eram somente atores de comédia, mas brilharam neste género, que prosseguiu com a popular série "Com Jeito Vai", e os não menos populares Norman Winsdon, Benny Hill ou Mr. Bean. Mas os Monty Python asseguram um merecido lugar no pódio.

Portugal teve um período de ouro no que diz respeito a atores de comédia, muitos deles com experiência de revista que muito os terá ajudado. António Silva, Vasco Santana, Beatriz Costa, Maria Matos, Laura Alves, Ribeirinho, Costinha, Barroso Lopes e alguns mais formaram uma geração imbatível. Alguns realizadores eram muito interessantes, os argumentos adaptavam à realidade portuguesa certas estruturas do vaudeville internacional e, do resultado desta mescla, originaram-se títulos que ainda hoje resistem à passagem do tempo, e mesmo à censura que os limitou na data da sua realização.

Depois há outros atores que marcaram a minha existência. O mexicano Cantinflas foi um deles. Mais recentemente, o realizador espanhol Almodovar, oscilando entre o melodrama e a comédia, impõe-se. Pena não conhecermos mais pormenorizadamente outras cinematografias. Como será o humor no Oriente? Pouco se sabe.

Um dos mestres da comédia no teatro foi Molière que afirmou "é um empreendimento estranho, este de fazer rir as pessoas de bem" e, mais adiante, "a missão da comédia é representar em geral

todos os defeitos do homem e, em particular, dos homens de nosso tempo". As citações sobre comédia e humor não param, mas não resisto a mais duas. Uma de Ludwig Wittgenstein, "Humor não é um estado de espírito, mas uma visão de mundo", outra de George Bernard Shaw, "Morrer é fácil, comédia é difícil." E, finalmente, voltemos a Charles Chaplin, o assunto deste texto: "Que eu seja um comediante - mas um comediante que pensa."

2. O CIRCO

"O que é que coloca Chaplin para lá de toda a poética do riso do cinema? A profundidade do seu lirismo." - Serghei Eisenstein



Um vagabundo famélico e uma amazona desprotegida, constantemente maltratada pelo pai, dono de um circo, eis a base para um dos filmes mais dramáticos e amargos de toda a filmografia chaplinesca. "O Circo" (The Circus), rodado entre 1925 e 1927, não nos parece ser uma das obras menores de Chaplin, como nos querem fazer crer alguns dos seus estudiosos e historiadores. Encontra-se em "O Circo", muito pelo contrário, uma densidade poética e uma carga lírica insuspeitadas, uma amargura desesperada e uma crueldade feroz. Para além disso, Chaplin reúne, em "The Circus", um conjunto de "gags" que representa certamente um repositório extremamente significativo do seu humor, bem como da construção do seu cinema. Repositório que não se limita a ser um simples repositório de sucessos passados, mas se afirma sempre como uma nova interpretação de certas situações, desenvolvidas por caminhos originais.

Estreado em 1928, quando na América o cinema sonoro começava a entusiasmar as multidões, rodado numa altura em que Chaplin se divorciava de Lita Grey (motivo pelo qual o filme demorou tanto tempo a terminar, chegando a estar montado um circo completo, à espera das filmagens, durante mais de um ano), "O Circo" mostra-se uma obra extremamente rica de sugestões. A uma primeira leitura, teremos o drama do pequeno vagabundo desempregado, que tudo faz para ganhar dinheiro, para viver a vida. Ou, simplesmente, para comer, para sobreviver. Magnífico é o "gag" em que Charlot vai comendo uma sandes a uma criança que se encontra ao colo do pai, e que dá bem o tom verdadeiramente "miserabilista" do estado do protagonista. E do humor negro que paira sobre toda a obra. Ou ainda toda a sequência em que Charlot põe água a aquecer, temperada com sal que tira de um dos bolsos do colete, e onde coloca depois um ovo, ocasionalmente roubado a uma galinha que por ali passava. Luta pela sobrevivência e pelo "pão-nosso de cada dia". Chaplin

não hesita em disputar a uma jovem um naco de pão que pouco depois cederá estoicamente. Mas o primeiro movimento é de luta pela posse, de recusa à expropriação de algo que lhe é profundamente vital.

Indo mais longe, poderá encontrar-se ainda em "The Circus" uma complexa dialética do "senhor e do escravo", do "mais forte e do mais fraco". Chaplin, demasiado escaldado para arriscar o que quer que seja, joga pelo seguro e nunca entra em disputa aberta com os seus superiores ou rivais declaradamente mais fortes. Será mentalmente que irá pontapear o galã que seduziu a jovem amazona por quem se apaixonara e será simplesmente por engano que retira uma cadeira em que se iria sentar o dono do circo onde espera vir a trabalhar, ou o ensaboa copiosamente. Quando sente que se encontra numa situação de inferioridade, Charlot recusa o confronto ou aceita a exploração de que é vítima. Mas logo que surge o "seu" momento (quando descobre que é a vedeta do "show", por exemplo), então discutirá o ordenado com fervor (propondo, porém, na sua ingenuidade, condições menos favoráveis do que as que o dono do circo já estava disposto a oferecer) e não se privará de se pagar na mesma moeda, fazendo aos outros aquilo mesmo de que se queixava (veja-se a cena em que Charlot entra nos bastidores, no seu momento de glória, e atira ao chão, repetidas vezes, o palhaço rico, caído em desgraça (e que, no entanto, nunca lhe fizera mal a ele)). Esta dialética do "explorador-explorado" é, todavia, entrecortada por uma generosidade de propósitos e uma pureza de intenções que fazem de Charlot um "naif" que procura adaptar-se à vida o melhor que pode, sem jeito para isso, nem fundo humano que o sustente nessa selvática luta pela sobrevivência. Apesar de eternamente apaixonado pela bela Mernia Kenneicfy, será o primeiro a ceder, e a tentar reconciliá-la com o seu jovem equilibrista. Dorido e amargurado, será ainda ele o único que percorrerá o caminho dos noivos, atirando sobre eles o arroz da felicidade. Como fora ainda ele quem cedera a sua pequena refeição, após tê-la disputado violentamente...

Mas, para além de tudo isto, todo o cinema de Charlot é uma peregrinação cruel em busca da dignidade perdida. Cavalheiresco e altivo, mesmo nas piores situações, Charlot tem sempre um gesto, uma frase, um movimento que lembram a sua condição de homem, bem como a satisfação que deveria sentir por o reconhecer. Mesmo no alto da pista de um circo, envolvido por macacos que o mordem e o despem, enquanto procura equilibrar uma barra sobre uma corda bamba, mesmo aí, Charlot consegue ser um homem, um rosto amargurado transpirando pureza, uns olhos de uma tristeza infinita que só o rosto de uma mulher sabe rasgar de par em par. Uma procura da dignidade que continuamente se avilta, que continuamente se ofende, que continuamente é posta em causa. Mas uma dignidade que renasce sempre, mesmo, depois da amarfanhante partida do circo, mesmo depois do adeus a uma amada que ele vê partir nos braços de outro. Mesmo depois de todo este desmoronar de um sonho, Charlot consegue erguer-se no centro de uma pista deserta e partir para os lados do desconhecido, com um andar saltitante de esperança e alegria.

A uma segunda leitura, "The Circus" coloca, porém, outros (e mais complexos) problemas. Levanta até o problema da essência de uma arte, do mecanismo do próprio riso. Mais uma vez o eterno problema do "clown" que não ri, ou ainda a história do palhaço que deixou de fazer rir. Quando os palhaços da companhia entram em certa cena, os espectadores bocejam, leem o jornal ou gritam pelo "funny man" que por ali entrara antes, como um vendaval. Charlot conseguira despertar o riso numa plateia cruel e desapiedada. Momentos depois, quando tenta ensaiar uns "números" para o seu reportório, Charlot já não sabe como fazer rir, desconhece as regras, ignora a receita.

Será de novo, em espontânea liberdade, fugindo desta feita a um burro que se obstina em perseguilo, que ele recobrará o direito ao riso e ao aplauso. Onde, ser a arte um dom, uma intuição que as regras ou as receitas não comportam, nem podem comportar.

Admirável obra-prima de um cineasta genial, "O Circo" possui sequências inesquecíveis onde vem ao de cima todo o talento de Chaplin. Lembramo-nos da entrada de Charlot numa feira, nomeadamente numa sala forrada de espelhos, onde se desenrola um duelo com um polícia ou ainda Charlot mimando um boneco articulado. Repassado de um lirismo profundamente amargo e de uma tristeza feita ternura e pudor, "The Circus" assinala um dos momentos maiores de uma carreira onde os mesmos abundam.

PALAVRAS DE CHARLES CHAPLIN:

"Creio no poder do riso e das lágrimas como contraveneno do ódio e do terror. Os bons filmes constituem uma linguagem internacional e respondem à necessidade que os homens têm de humor, de piedade e de compreensão. São como um meio de dissipar a vaga de suspeita e de medo que invadiu o mundo de hoje. Temos tido demasiados filmes gratuitamente cheios de violências, de mórbida sexualidade, de guerras, de assassinios e de intolerância. Filmes deste género tornam ainda mais insustentável a tensão mundial. Se ao menos pudéssemos trocar entre as nações,

intensamente, filmes que não falassem a linguagem da propaganda agressiva, mas, pelo contrário, a da gente simples, isso poderia contribuir para salvar a mundo de um desastre.”



O CIRCO

Título original: The Circus

Realização: Charles Chaplin (EUA, 1928); **Argumento:** Charles Chaplin; **Produção:** Charles Chaplin; **Música:** Charles Chaplin (1969); **Fotografia (p/b):** Roland Thotheroh; **Montagem:** Charles Chaplin; **Casting:** Al Ernest Garcia; **Direção artística:** Charles D. Hall; **Assistente de realização:** Harry Crocker; **Companhias de produção:** Charles Chaplin Productions;

Intérpretes: Charlie Chaplin (o vagabundo), Al Ernest Garcia (proprietário do circo), Merna Kennedy (enteada do dono do circo e moça dos cavalos amestrados), Harry Crocker (Rex, o homem que se equilibra na corda), George Davis (um mágico), Henry Bergman (velho palhaço gordo), Steve Murphy (batedor de carteiras), Tiny Sandford, John Rand, Albert Austin, Chester A. Bachman, Eugene Barry, Jack Bernard, Stanley Blystone, Heinie Conklin, Bill Knight, Toraichi Kono, H.L. Kyle, Betty Morrissey, L.J. O'Connor, Jack P. Pierce, Hugh Saxon, Doc Stone, Armand Triller, Max Tyron, etc.

Duração: 72 minutos; **Distribuição em Portugal:** Atalanta Filmes; **Classificação etária:** M/ 6 anos; **Data de estreia em Portugal:** 14 de janeiro de 1929.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 28 DE FEVEREIRO, DE 2022

MASTERCLASS: FILMES QUE AMO II - 21H00 (entrada livre)

CABARET, ADEUS BERLIM

Título original: Cabaret

Realização: Bob Fosse (EUA, 1972) | **Duração:** 124 minutos | **M/16**